



## PRAGMATISMO TRANSDISCIPLINAR?

Maria F. de Mello e Vitória M. de Barros

CENTRO DE EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR – CETRANS

São Paulo – Brasil

Artigo Publicado na Revista THE ATLAS – Transdisciplinary Journal of Engineering & Science –

ISSN 1946-0569, online Volume 3/December 2012

### Abstract

*Neste artigo desenvolveremos uma exploração, em curso, do fenômeno que escolhemos nomear Pragmatismo Transdisciplinar/P-TD. Este fenômeno será tratado pelo reconhecimento de nossa capacidade intelectual como um contínuo desvendar, uma abertura, um movimento rumo a uma realidade que por natureza é multidimensional e multirreferencial. Em nossa investigação, revisitamos os escritos de Charles Sanders Peirce (1839–1914), Martin Heidegger (1889–1976), os pilares epistemológicos, metodológicos e ontológicos da Transdisciplinaridade, bem como três raízes arquetípicas que invocam e evocam os princípios do pragmatismo proposto: Tao Te King, Prometeu, e Perceval.*

*Vemos P–TD como um acontecimento apropriador: como um ato livre e criativo, original, presente desde sempre, aberto para possibilidades, mas ainda por ser descoberto. P–TD demanda a articulação do método fenomênico e da dimensão "trans" inscrita no sistema do pensamento transdisciplinar. Também tocaremos aspectos da conjuntura estrutural que faz tal pragmatismo possível.*

**Palavras Chave:** afinação/*stimmung*, acontecimento apropriador/*ereignis*<sup>1</sup>, fenda/*riss*, fenômeno, linguagem, logos, ontologia, pensamento, pragmatismo, Transdisciplinaridade.

### Introdução

**Duas vias das tradições filosóficas.** Uma reflexão sobre os marcos icônicos da tradição filosófica contemporânea seria uma aproximação inicial possível para compreender o que seria um Pragmatismo Transdisciplinar. Isso porque ela evidencia a existência de duas vias com índole e temperamentos diferentes, caracterizadas pelo método que utilizam e por suas *démarches*: “método lógico associando análise dos conceitos e experimentos mentais na tradição anglo-americana; método histórico aliando formulação de problemas e história da filosofia na tradição continental” [1]. Filosofia continental é aqui entendida como europeia e, especificamente, a cultivada na França e na Alemanha.

Cada uma dessas vias de tradição filosófica são expressas por duas vertentes: a vertente analítica e experimental, marcada pelo utilitarismo inglês e pelo pragmatismo americano; a vertente da historicidade e da reflexão, o pensar filosófico das escolas francesa e alemã, com método histórico e espírito sistemático.

Ambas tradições filosóficas aqui mencionadas trazem em seu bojo limitações. Afirma Ivan Domingues que a limitação do método lógico é seu logicismo e apego ao universal, que faz com

---

<sup>1</sup> Palavra em alemão que define um acontecimento apropriador, é o acontecimento originário que possibilita que algo seja pensável a partir dele.

que o filósofo se distancie do contexto espaço-temporal, da historicidade real dos sistemas, das marcas pessoais do autor. A limitação do método histórico, pelo seu contextualismo, se apega ao particular e ao fático, impede “a filosofia de atingir cimos mais elevados, vencendo os limites do tempo e do espaço e fornecendo um discurso universal.” [2]

A partir da contradição *A - não A* eminente nestas duas vias de tradições filosóficas aqui mencionadas, evidencia-se a necessidade da emergência de uma nova via, uma terceira via, capaz de atender uma perspectiva transdisciplinar – TD de se aproximar da realidade. Esta via seria um termo T emergente capaz de ir além das limitações dos métodos lógicos e históricos: seja a do método lógico traduzida pelo seu apego ao universal, independente do contexto temporal, seja pelo método histórico, com seu contextualismo e apego ao particular e ao fático.

Dentro desta proposta, o método lógico, ferramenta da filosofia, e o método histórico, ferramenta da biologia, história e da filosofia, são vistos como ferramentas e propedêuticas, no sentido de instrumentos e de preparação para pôr em curso a exploração da verdade, e não como um fim em si mesmo, mas como um processo de desvelamento da realidade. Neste sentido, adentraríamos no âmbito da metafilosofia, e seríamos levados a nos aproximar de novos padrões epistêmicos, de uma nova práxis filosófica que possibilitaria a emergência de um novo pragmatismo que denominamos Pragmatismo Transdisciplinar/ P–TD.

Nossa investigação nos levou a revisitar o corpo filosófico criado por Charles Sanders Peirce (1839–1914), por Martin Heidegger (1889–1976) e algumas raízes arquetípicas que invoca e evocam princípios nucleares para a emergência de um P–TD.

Inegavelmente, nos aproximamos destas possibilidades por termos sido inspirados e fundamentados, por décadas, na pesquisa de eminentes pensadores transdisciplinares do século XX e XXI como Barasab Nicolescu (1942), Francisco Varela (1946–2001), Hélène Trocmé-Fabre (1931), Michel Camus (1929 –2003), Michel Random (1933–2008), Patrick Paul (1948), Raimon Pannikar (1918–2010), René Barbier (1949), Stéphane Lupasco (1900–1988), Ubiratan D’Ambrósio (1932) dentre outros e, também, em nossa experiência na cotidianidade.

## 2. Pragmatismo

Desde 2010 a pesquisa e ações que temos desenvolvido no Centro de Educação Transdisciplinar – CETRANS, fundado em São Paulo, Brasil, em 1998 têm nos desafiado a articular *visão, atitude e prática* transdisciplinares. A partir de nossas experiências “mão na massa” foi evidente a necessidade de melhor entendermos o que constitui o fazer transdisciplinar. Esta inquietação nos levou às seguintes questões: O que é Pragmatismo? O que seria um P–TD?

O pragmatismo é uma filosofia que emergiu nos Estados Unidos em meados do século XIX, no período pós-guerra civil americana, fase de desenvolvimento e consolidação do capitalismo industrial quando um horizonte cultural e histórico permitiu a emergência e posterior desenvolvimento deste novo pensamento que veio responder aos anseios da elite intelectual americana e, em alguma medida, da sociedade. Três entre seus principais representantes são: Peirce, William James (1842–1910) e John Dewey (1859–1952). No escopo deste artigo no ateremos a visão pragmática de Peirce, apesar de reconhecermos o trabalho de outros filósofos, que no século XX e XXI contribuíram para a reflexão e aprofundamento do Pragmatismo.

**Peirce** ao cunhar o nome Pragmatismo, em 1878, o definiu como regra máxima para a clarificação do conteúdo de uma hipótese e suas *consequências práticas*. Igualmente, ele introduziu na sua visão epistemológica o *falabilismo*, uma posição anticartesiana, como norma nuclear para o exercício da investigação. Tendo decorrido 20 anos, em uma conferência pronunciada em Berkeley, James trouxe a inovadora tese de Peirce e seu nome para a atenção de um círculo consagrado de filósofos, em um discurso que nomeou: *Philosophical Conceptions and*

*Practical Results.* A partir deste evento, James deu ao pragmatismo uma interpretação pessoal que se distanciou da concepção original dada por seu criador.

Peirce diz ter cunhado o nome Pragmatismo para a teoria segundo a qual uma dada concepção, o que quer dizer, o significado racional de uma palavra ou de uma dada expressão, consiste única e exclusivamente no seu alcance concebível na conduta da vida.

Pragmatismo peirciano implica em experimentação e, diz respeito ao pensamento, ou seja, a uma reflexão de como as pessoas pensam, de como tornar as ideias claras e de como fixar crenças. Os princípios deste pragmatismo repousam essencialmente na necessidade de obter clareza em nossos pensamentos e, para isso, é preciso que sejam considerados tanto os efeitos de tipo prático concebível que os objetos possam vir a ter, como quais sensações podemos esperar deles e, também, que reações podemos antecipar. Para ele, o teste último do que uma dada proposta significa, a sua verdade, é a conduta que ela dita e inspira.

O pragmatismo de Peirce é uma referência robusta para se pensar o P–TD, pois este pragmatismo articula razão sensível – sentimento e imaginação; razão experiencial – vivências e memórias; razão formal – teorias, conceitos, regras e generalizações. Estas razões aportam suas lógicas, suas inferências e suas metodologias. Segundo Denoyel [3], os processos inferenciais imbricados das três razões, não possuem fronteiras estanques entre elas e se comunicam com a pragmática das três categorias peircianas: primeiridade, secundidade e terceiridade como explicitadas por ele no quadro abaixo:

### Pragmática das três razões

Razão sensível	Razão experiencial	Razão formal
primeiridade (possibilidade) - «mediação “mental”»	secundidade (existência concreta) - «mediação – processo»	terceiridade (lei, hábito) - «mediação contínua»[*]
re-presentação (estratégia dos sentidos)	sentido (estratégia do sentido)	significação (estratégia da significação)
interpretante imediato	interpretante dinâmico	interpretante final
primado transdução	primado abdução / indução	primado dedução

\* Gérard Deledalle distingue ces trois formes de médiations en rapport à la trichotomie de l'interprétant chez Peirce (Deledalle, 1979, pp.64 )

Nossa reflexão nos levou a considerar que mesmo sendo o termo pragmatismo ampliado, sua constituição original, definida por Peirce quando o criou, deve ser preservada. Para Peirce seu pragmatismo está imbricado em um sistema filosófico e visa tornar essa filosofia uma ciência. Compreender o significado das três categorias, que permeiam toda nossa existência, possibilita um diálogo fértil com os níveis de realidade, um dos pilares da metodologia transdisciplinar.

### 3. P–TD: pensando a partir de Peirce

No artigo *The Fixation of Belief* Peirce aponta que o objeto do raciocínio é, a partir do que conhecemos, encontrar o que ainda não conhecemos. Ele indica que sempre que a esperança não é verificada pela experiência ela pode produzir resultados extravagantes, isso porque somos inclinados a nos satisfazer com visões prazerosas independente de seu valor verdade, por isso ele considera a força de um *pensamento fundamento* um fator decisivo para a evolução do mundo.

Peirce adverte que sempre que as concepções são produto de reflexões lógicas ou se misturam com nossos pensamentos comuns, há uma grande confusão e este resultado nunca é objeto de observação. Exemplificando: ele diz que uma coisa pode ser azul ou verde, mas a qualidade de ser azul ou verde não são coisas que vemos, elas são produtos das nossas reflexões lógicas. Assim, o pensamento comum que emerge fora do prático, tem uma má qualidade lógica e são nomeados como metafísicos, daí sua crítica à metafísica.

Para Peirce nossas crenças guiam nossos desejos e configuram nossas ações e, por isso, elas devem ser compreendidas. Nossas crenças determinam nossos hábitos. A dúvida é um estado do qual queremos nos livrar de forma a passar para um estado de crença. Contudo, dúvida não muda nossas crenças, mas nos possibilita revê-las. A dúvida nos impulsiona à ação, até que ela seja dissipada, ela luta até que um novo estado de crença seja alcançado. Recorremos à investigação para sair deste estado de irritação causado pela dúvida. Neste sentido, percebemos que pela vida ter colocado em dúvida e em cheque o velho pragmatismo, aí esteja a chance de um novo pragmatismo emergir.

No segundo artigo, *How to Make our Ideas Clear*, Peirce refere-se à diferenciação existente nos tratados de lógica entre a concepção de *claro* e *obscuro* e entre concepção de *distinto* e *confuso*. Diz ele: “*A clear idea is defined as one which is so apprehended that it will be recognized wherever it is met with, and so that no other will be mistaken for it. If it fails of this clearness, it is said to be obscure.*”<sup>2</sup> <<Uma ideia clara é definida como aquela que é apreendida como tal de tal modo que será reconhecida seja onde ela for encontrada, de modo que nenhuma outra será confundida com ela. Se ela falha na sua clareza, ela é dita obscura.>> [4] Contudo, a questão dos sentimentos da subjetividade podem deturpar esta clareza. Por isso, a ideia de clareza deve ser suplementada pela ideia de distinção. Peirce escreve: “*A distinct idea is defined as one which contains nothing which is not clear.*” <<Uma ideia distinta é definida como aquela que não contém nada que não seja clara.>> [5]

Apona Peirce que a limitação destas duas visões é que elas são dadas em termos abstratos. Segundo ele, esta atividade intelectual dos lógicos, por séculos, deixou de lado a engenharia do pensamento moderno e, por isso, seria necessário formular o método de conseguir uma melhor clareza de pensamento. Outra ideia da noção de clareza e de distinção envolve a compreensão de que “*Nothing new can ever be learned by analyzing definitions.*” <<Nada novo jamais pode ser aprendido analisando definições.>>[6]

Dito de outra forma, Peirce quer avançar em relação às três propostas formuladas anteriormente: 1) a de Descartes, que descarta o método da autoridade como cimo da fonte da verdade e passa para um método *a priori* que professa encontrar na mente humana, no que é agradável à razão, como fonte da verdade; 2) a de Kant, fundamentada no *a priori* e, 3) a de Leibniz, na abstração. Assim Peirce afirma que o nível mais alto de clarificação de qualquer ideia emerge e será encontrado, na sua expressão mais alta, considerando que “*... what effects, that might be conceivably have practical bearings, we conceive the object of our conception to have*”. << Ao considerar que efeitos podem ser imaginados ter propósitos práticos você concebe o objeto que sua concepção tem>>. [7] Além do mais, crenças e ordem são elementos essenciais para a economia intelectual, tanto quanto os outros elementos já abordados. Assim, ele aponta a necessidade se irmos além da noção de clareza e distinção propostas pela lógica de Descartes, Kant e Leibniz.

A questão que aqui se coloca é a da importância de conhecermos o que pensamos, de tornarmos-nos senhores do nosso próprio sentido de forma a constituirmos uma base sólida para

---

<sup>2</sup> Nota: todas as traduções que constam neste artigo foram traduções livres feitas pelas autoras.

o que pensamentos. Outro ponto relevante para Peirce é que a mente pode apenas transformar conhecimento, mas nunca originá-lo, a menos que ele seja alimentado pelos fatos da observação.

Na sua compreensão, é chegado o momento para a formulação de um método capaz de melhor conseguir a clarificação do pensamento, como já se anuncia em alguns pensadores seus contemporâneos. Esse método de clareza das ideias deve ter um nível mais alto e ir além da ideia de distinção proposta pelos lógicos até então. Para Peirce, diferentemente de sensação, *“Thought is a thread of melody running through the succession of our sensations”*. <<Pensamento é um fio de melodia correndo através da sucessão de nossas sensações.>>.[8]

Diz o filósofo que a ação do pensamento é excitada, motivada pela irritação da dúvida e cessa apenas quando a crença é obtida. Para ele, a única função do pensamento é a produção da crença. Irritação, dúvida, crença, falibilismo – aquilo pelo que se acredita que todas as verdades existenciais, teoricamente se revisadas pela experiência, dão possibilidade ao aparecimento de algo novo e melhor –, são aspectos *sine-qua-non* para o seu pragmatismo. Citando Peirce:

*And what is, then, belief? ... first, it is something that we are aware of; second, it appeases the irritation of doubt; and third, it involves the establishment in our nature of a rule of action, or, say for short, a habit. << O que é, então, crença?... primeiramente é algo de que estamos cientes; segundo, ela apazigua a irritação da dúvida; e terceiro, ela abarca o instituído em nossa natureza como regra de ação, ou resumindo, um hábito.>> [ 9]*

Crença é aqui compreendida como uma regra para ação e, como tal, ela é uma aplicação que instiga novas dúvidas e novos pensamentos. Crença encerra uma contradição: ela é ao mesmo tempo um lugar de parada e um ponto de partida; um pensamento em repouso e em ação, apesar de que pensamento seja sempre, essencialmente, ação e uma ação consiste em *relação*, enquanto uma consequência da ação. Assim sendo, a função do pensamento é produzir hábitos de ação. Cada distinção de pensamento tem um resultado tangível e prático, cada resultado tangível e prático tem suas raízes no pensamento.

Para Peirce tudo que for acrescido ao pensamento se for desconectado de seu propósito não pode ser considerado parte dele. Igualmente, se há uma unidade em nossas sensações que não servem como referência de como devemos agir em um dado momento, não podemos chamar isso de pensamento. É a identidade com os hábitos que nos guiam como agir. Cria-se, assim, um encadeamento causal onde *“...our action has exclusive reference to what affects the senses, our habit has the same bearing as our action, our belief the same as our habit, our conception the same as our belief”*. [10] << nossa ação refere-se exclusivamente ao que afeta aos sentidos, nosso hábito tem o mesmo peso que nossas ações, nossa crença o mesmo que nosso hábito, nossa concepção o mesmo que nossa crença.>> Assim, pensamento não tem nenhum significado independente de sua única função. Para Peirce a terceira regra sobre a clareza das ideias é saber que apenas podemos falar sobre qual é o objeto de nossas concepções ao considerarmos os efeitos que possivelmente terão seus propósitos práticos.

As máximas operacionalistas enquanto teoria do significado e as máximas pragmáticas propostas por Peirce são valiosas para a emergência e compreensão do P–TD. Para ele qualquer hipótese tem sentido à medida em que ela especifica o que precisa ser feito para que possam ser observados os efeitos pré-configurados pela própria hipótese, os efeitos que têm em outras pessoas e nas mudanças que opera no entorno. E, mesmo considerando que a formulação da conjuntura estrutural do P–TD esteja no início de sua formulação, uma reflexão profunda sobre as questões de natureza lógica e ética formuladas por Peirce são fundantes para se pensar a dinâmica de tal pragmatismo. Peirce escreve:

*We have hitherto, not crossed the threshold of scientific logic. It is certainly important to know how to make our ideas clear, but they may be ever so clear without being true. How to make*

*them so, we have next to study. How to give birth to those vital and procreative ideas which multiply into a thousand forms and diffuse themselves everywhere, advancing civilization and make the dignity of man as an art not yet reduced to rules, but of the secret of which the history of science affords some hints". [11]*

<< Até aqui, ainda não transpusemos o umbral da lógica científica. Certamente é importante saber como tornar nossas ideias claras, mas elas podem ser extremamente claras sem serem verdadeiras. Para assim torná-las, temos que estudar mais. Como dar a luz a essas ideias vitais e pro-criativas que se multiplicam em mil formas e propagam-se por toda parte, avançando a civilização e tornando a dignidade do homem uma arte ainda não reduzida a regras, mas do segredo a partir do qual a história da ciência disponibiliza algumas alusões.>>

A ruptura paradigmática implícita na Transdisciplinaridade e os avanços da ciência no início do século XX anunciaram mudanças preconizadas por Peirce, o nascimento do que ele chama de ideias vitais e pro-criativas. O P–TD nasce a partir desta ruptura. Ainda que a utilidade de tal pragmatismo não constitua a prova de sua verdade, apenas através de seu exercício, constante análise e renovação poderemos, passo a passo, nos aproximar dela, lembrando que verdade é aqui entendida como aquilo mais próximo da realidade, da origem, do originário, da singularidade. Desenvolver, compreender e exercer o P–TD, é uma escolha. Mas como Peirce escreve, o que escolhemos depende do que estamos preparados para admirar e este é o gesto que nos leva a uma estética, diferentemente do que abordamos anteriormente que se inscreve no âmbito da lógica e da ética. Sem lógica, estética e ética o P–TD não pode se constituir e, vale lembrar que, para Peirce a ética nasce da contradição, da tensão do par de opostos: lógica–estética.

#### 4. P–TD: pensado a partir de Heidegger

Chama-se saber: o ter visto, no sentido amplo de ver, o qual significa: perceber o que se presentifica como um tal. A essência do saber repousa, para o pensar grego, na *aletheia*, isto é, na revelação do sendo. Ela porta e guia toda a relação para com o sendo. [12]

Poderia a abordagem fenomênica de Heidegger contribuir para o entendimento do fenômeno P–TD? Ao comentar sobre o conceito de fenômeno, o filósofo explora as raízes gregas desta palavra. Elas referem-se a *mostrar-se* e, também, ao *que se mostra*, ao *que se revela*. *Trazer para a luz do dia* é para ele o que deve ser mantido como significado da expressão fenômeno, ou seja, o que se mostra a si mesmo. Heidegger aponta que manifestar-se é um não mostrar-se. O mostrar-se que torna possível a manifestação não é a manifestação em si. Assim, o conceito de manifestar-se não é delimitado, mas um pressuposto, pressuposto este que permanece encoberto. Manifestar-se é entendido como anunciar-se mediante algo que se mostra. Há uma ambiguidade e uma contradição na palavra manifestar-se, pois ela é ao mesmo tempo o que se anuncia e o que se mostra, pois o que se anuncia não se mostra, apenas indica algo que não se mostra. Essas ideias inspiram e nutrem a compreensão e formulação do pragmatismo aqui proposto.

Fenômenos nunca são manifestações e toda manifestação é remetida a um fenômeno. É necessário entender o conceito de manifestação para compreender o que é o fenômeno. Contudo, existe um outro significado para <<manifestação, manifestar-se>>, ou seja, algo que *emerge*, que se *irradia*, naquilo mesmo que se anuncia e se manifesta, como aquilo que *nunca pode se revelar*. Heidegger diz: “Toda abertura de ser como abertura do *transcendens* é conhecimento *transcendetal*. A verdade fenomenológica (abertura de ser) é *veritas transcendentalis*.[13]

A fenomenologia heideggeriana evidencia dois sentidos: 1) método de exposição das estruturas fundamentais; 2) arcabouço teórico para dar uma resposta à crise da ciência contemporânea.

Estes dois sentidos são elucidados através entendimento do termo por ele criado **DASEIN**, impossível de ser traduzido em uma definição, pois se trata de uma conjuntura estrutural que repousa em sutis nuances de interpretação: **DA**sein e **da**SEIN, seja no sentido do **AÍ**ser ou do **Ser**AÍ como desvelamento do *sendo*.

*Dasein* ainda pode ser compreendido como a não-existência individual; como presença, sentido, conjunto de todas as possibilidades, aquilo que se retira das massas; o sujeito enquanto autenticidade máxima e ulterior; verdade enquanto desocultamento. E também pode ser compreendido como silêncio absoluto, como puro movente, puro mutante, a contínua busca por aquilo que nos é *mais próprio*.

*Dasein* diz respeito à cura enquanto cuidado – como expresso no significado de curador de um museu – que tem como função reunir, harmonizar, preservar. *Dasein* não é animal racional, não é intencionalidade, não é intencionalidade da consciência, não é mônada, não é ideia, não tem gênero, nem espécie, nem categorias, não é *logos*, não é *res cogitans*, não é vontade e representação, não é vontade de poder, não é coletivo, não é desenvolver papéis, funções. *Dasein* é desequilíbrio por excelência, pois é um movimento constante na busca pelo *mais próprio*. O mundo é a efetivação do *Dasein*.

Investigação e pensamento são dois horizontes fenomenológicos para Heidegger mesmo quando se trata da obra de arte. Heidegger não se ocupa da obra de arte nem do ponto de vista do objeto, nem do criador, nem do expectador. A obra de arte para ele não é uma estética, nem fruição subjetiva como preconizada por Baumgarten (1714–1762), Kant e Schiller (1759–1805), nem acontecimento criador como queria Nietzsche (1844–1900) mas uma posição estrutural que transcende. Arte é um deslocamento que permite a *desocultação do mais próprio* no instante, num piscar de olhos.

A substância da obra de arte, suas qualidades – extensão, forma, cor, peso – não a revelam. Ainda que a cor seja um filtro semântico, mesmo assim ela não revela a origem primeira. A obra de arte vai muito além disso, uma vez que jamais conseguimos determinar o que ela plenamente é. Heidegger afirma que podemos utenciar a obra de arte – seja como representação social, orgiástica ou de ganância – contudo, a obra de arte como utensílio no sentido de servir para algo não nos leva ao Ser. O fundamento da arte é levar o homem em direção ao Ser, ao contrário da técnica que dificulta e afasta o desocultamento do Ser. A obra de arte não é subjetiva, ela é um produto do coletivo potencializado, que ajuda a responder a pergunta acerca do Ser, da gênese da ontologia não posicionada no âmbito dos entes/*seinend*. A obra de arte é vista por ele como uma possibilidade de ir ao encontro da essência, do originário, da ideia de abertura para o Ser/*Sein*.

O foco da obra de arte para Heidegger não é a existência, mas a verdade. Apesar de começar não como um fenômeno, mas como um produto, ela deve nos conduzir ao fenômeno original. O Ser não é uma substância, nem um utensílio. Mas no utensílio está a *mostração* de como ele é nele mesmo, ou seja, tal como ele é no horizonte originário, o que ele é antes de ser posicionado pelo artista ou pelo espectador.

Qual é a rede de remissões que se estabelece diante a uma obra de arte? É ela ôntica ou ontológica? Até onde ela pode nos levar? A própria obra encerra uma dada rede de remissões. A obra de arte aponta para si mesma e para seu campo fenomenal originário. Na obra de arte, pela rede remissiva, a verdade do ente se-põe-em-obra. A função da obra de arte para Heidegger é: “*Por-se-em-obra da verdade*”. Ele escreve:



A verdade é o desvelamento do sendo enquanto sendo. A verdade é a verdade do ser. A beleza não aparece junto desta verdade. O aparecer é – como este ser da verdade na obra e como obra – a beleza.[14]

A obra de arte traz um aceno para a dimensão abismal. A verdade é essa experiência, a experiência do Ser. Este revelar-se sempre oculta algo. Neste sentido, a obra de arte é um acontecimento, não uma substância. O acontecimento exige o desapropriar-se totalmente de si para receber o seu próprio *Dasein*. A arte para Heidegger é o lugar da verdade – o poder histórico e o horizonte onde se funda o si mesmo.

Se o método transdisciplinar é fenomenológico, seja no nível ôntico existencial/*existenziellen*, seja no nível ontológico ou sutil/*existenzialen*, a abordagem fenomênica de Heidegger é uma grande contribuição para a configuração do campo fenomenal do P–TD. Tal pragmatismo endereça acontecimentos de alto grau de complexidade e de complexidade de alto grau. Ele reconhece a realidade em sua dimensão ôntica, aquela que diz respeito aos entes e ao ser dos entes e, em sua dimensão ontológica, a do Ser. Assim, nele *in vivo*, são articulados diferentes níveis de realidade: macrofísico – emocional, psíquico, mental – mítico, simbólico e anímico – e a zona de não resistência, isto é, o âmbito do sagrado, do inefável, onde não existem conceitos, nem substância, nem entes. É neste contínuo *sendo* que a evolução transdisciplinar é pensada no P–TD.

## 5. P–TD: Três Raízes Arquetípicas

Nossa reflexão nos levou a explorar raízes arquetípicas do pensamento, pois entendemos que a origem da nossa forma de pensar, compreender e agir no mundo remonta aos ensinamentos oriundos de tradições sapienciais do Oriente e do Ocidente. A história do pensamento é um somar constante de instantes que se constituíram no tempo e formaram uma estrutura complexa que chegou até nós, após um longo caminho percorrido. Nesta linha de reflexão, para elucidarmos o P–TD, privilegiamos três vertentes arquetípicas: a primeira, de origem oriental, chinesa – o Tao Te King; a segunda e a terceira, de origem ocidental, européia – com o mito de Prometeu e a saga de Perceval, respectivamente.

**O que nos levou a escolher o Tao Te King?** Elegemos este texto pela sua ressonância com o pensamento dos filósofos que escolhemos trabalhar e pela sua afinidade com os princípios norteados do P–TD. O que o Tao significa? O Tao pode ser ao mesmo tempo caminho em direção a algum lugar, trajeto, trilha e, também um modo como fazemos as coisas ou conduzimos nossas vidas. Tao pode ainda significar uma discussão, um texto ou a maneira de pensar e de falar. Pode se referir à natureza fundamental da realidade, aquilo que as coisas realmente são, a maneira como o universo existe. A vida humana está centrada no pensamento e na linguagem, em fazer distinções, descrições, Tao também significa pensamento e linguagem.

Tao é, primeiramente, o Tao da vida, um modo de vida, um modo de viver em harmonia com o universo. Tao é a natureza fundamental de todas as coisas, isto é, o jeito certo da vida acontecer. Assim, Tao é a maneira como devemos pensar sobre a natureza do universo e como viver de acordo com esse movimento. Estes são princípios caros para a emergência do P–TD.

Alguns outros pontos de grande relevância da visão taoísta dialogam diretamente com o P–TD. Dentre eles salientamos:

- A vida exige uma poda constante, um desbastamento, que requer cortar, tirar fora, lapidar, se livrar de acréscimos de forma a permitir o retorno ao estado natural, portanto é uma volta à origem e uma valorização do primevo. A cultura é sempre um acréscimo que

inibe nossa naturalidade. Para o taoísmo nos tornamos melhores quanto mais nos desnudamos da cultura e retornamos ao estado primordial.

○ Neste caminho a ênfase é colocada no *background*/no plano de fundo, no plano velado, nos antecedentes, na profundidade e não no *foreground*/no primeiro plano. Não se trata de construir uma espontaneidade, mas de recuperar uma espontaneidade sem esforço que temos em nós desde o nascimento.

○ No taoísmo a recomendação é retornar ao modo primordial de pensar, que é anterior e mais fundamental do que aquilo que contorna o pensamento lógico. Claramente nos é mostrado que é necessária *uma base de experiência primordial não discursiva* que considera tanto os signos e o pensamento quanto a linguagem simples como instrumentos para a vida comum.

○ O Tao Te King, mostra exaustivamente que o mundo está aberto para o que está *entre, além e através*, para uma espécie de tomada de consciência, de um estado de permanente presença onde tudo que acontece deve ser levado em conta. Ele prioriza a calma e a abertura para receber o que vem, pois o que sucede acaba como acabam todas as coisas boas ou más. [15]

O Tao Te King apresenta ainda a ideia da mútua relatividade de todas as coisas, a mútua dependência dos opostos que nos faz, muitas vezes, caracterizar algo através deles. E acima de tudo, aponta nossa preferência pela escolha de um dos polos dos pares de opostos em detrimento do outro quando, na verdade, não existe um polo privilegiado que defina os objetos, as situações, as coisas. Essa tendência nos mostra que estamos sempre comparando, julgando a aparência que projetamos nas coisas e nos esquecendo da sua qualidade intrínseca. São nossas preocupações que tornam os objetos o que eles são, a realidade não está previamente esculpida para nós em entidades. O Tao Te King nos fala no capítulo II [16]:

Se todos na Terra reconhecerem a beleza como bela,  
desta forma já se pressupõe a feiura.  
Se todos na Terra reconhecerem o bem como bem,  
deste modo já se pressupõe o mal.  
Porque Ser e Não-ser geram-se mutuamente.  
O fácil e o difícil se complementam.  
O longo e o curto se definem um ao outro.  
O alto e o baixo convivem um com o outro.  
A voz e o som casam-se um com o outro.  
Antes e depois se seguem mutuamente.

Assim também o Sábio:  
permanece na ação sem agir,  
ensina sem nada dizer.  
A todos os seres que o procuram  
ele não se nega.  
Ele cria, e ainda assim nada tem.  
Age e não guarda coisa alguma.  
Realiza a obra, não se apegando a ela.  
E, justamente por não se apegar,  
não é abandonado.

Para o Taoísmo, o homem que sabe viver reconhece que as ações não se iniciam com ele, a ele cabe apenas começá-las. Tudo é parte de um vasto conjunto de processos. Ele não reivindica para si o que ele realiza, pois as realizações são a consequência da confluência de uma vasta rede

causal de acontecimentos e, essa rede causal é construída por muitas pessoas ao longo de muitos e muitos anos. A vida de cada um é um fato particular, a vida de cada um é apenas a extração de um momento tirado de um *background*/plano de fundo, de um plano maior e não seria diferente para a emergência do P–TD.

**O que nos levou a escolher o mito de Prometeu?** Há várias versões do mito de Prometeu na mitologia grega e uma delas diz que ele é um descendente tardio dos titãs. Seu nome, em grego, significa “o que vê antes, o que prevê”. Como titã, ele é uma figura que nasce da terra e do fogo do sol, sua natureza é seca e ígnea e, por isso, distante do envelhecimento e da deterioração. Muito amigo de Zeus, Prometeu ajudou o deus supremo a driblar a fúria de seu pai Cronos, o qual foi por ele destronado. Em troca, Zeus lhe concede sua amizade. Mas Prometeu gostava da companhia dos homens o que deixou este deus indignado e colérico.

Prometeu engana Zeus duas vezes: primeiramente, quando ele, desejando ludibriá-lo e beneficiar os homens, sacrifica um boi e oferece a Zeus a maior e pior parte e reserva aos homens a menor e melhor parte. Contudo, o supremo deus ao perceber o acontecido se enfurece e subtrai dos homens o domínio do fogo e, simbolicamente, priva-os do *nous*, da inteligência. Pela segunda vez quando Prometeu, querendo beneficiar os homens, rouba o fogo que é o atributo de Zeus através do raio, colocando-o astuciosamente no oco de uma *férula*. Esta planta tem uma natureza combustível e, assim os homens voltam a ter o fogo a sua disposição não dependendo mais do raio de Zeus para concedê-lo. Prometeu, ao roubar o fogo sagrado para dar aos homens, lhes concedeu o poder de pensar e raciocinar, mas em troca os homens foram castigados. Hesíodo escreve [17]:

E de novo o bravo filho de Jápeto  
roubo-o do tramante Zeus para os homens mortais  
em oca férula, dissimulando-o de Zeus frui-raios.  
Então encolerizado disse o agrega-nuvens Zeus:  
"Filho de Jápeto, sobre todos hábil em tuas tramas,  
apraz-te furtar o fogo fraudando-me as entranhas;  
grande praga para ti e para os homens vindouros!  
Para esses em lugar do fogo eu darei um mal e  
todos se alegrarão no ânimo, mimando muito este mal"

A raiva de Zeus cresceu ainda mais quando descobriu que seu pretense amigo o estava traindo e decidiu puni-lo, decretando ao seu filho Hefesto, o deus ferreiro, que o prendesse em correntes junto ao alto do monte Cáucaso, durante 30 mil anos, durante os quais ele seria diariamente bicado por uma águia, a qual lhe destruiria o fígado. A tragédia Prometeu Acorrentado narra:

Ele roubou o fogo, teu atributo, precioso fator das criações do gênio, para transmiti-lo aos mortais!  
Terá, pois, que expiar este crime perante os deuses, para que aprenda a respeitar a potestade de Zeus, e a renunciar a seu amor pela Humanidade. [18]

Como Prometeu era imortal, seu órgão se regenerava constantemente, e o ciclo destrutivo se reiniciava a cada dia. Ele apenas se livra deste destino quando Quíron troca a própria imortalidade pela sua libertação. Assim, Zeus permitiu a Quíron, livrar-se do sofrimento causado pela flecha envenenada da Hidra que o feriu, se tornar mortal e perecer serenamente.

Podemos compreender esse mito de várias formas e abordá-lo de muitas maneiras e, como mito, seu sentido nunca será esgotado, a começar pelo nome Prometeu que lhe confere uma característica fundamental: a de *métis* – inteligência astuciosa, providente e prática –, a *métis* retorcida. Nessa história existe um desequilíbrio evidente: Zeus é o pai dos homens e dos deuses

e é soberano, pois possui tanto *metis* quanto o *nous*, a inteligência reflexiva, o espírito. Prometeu é um titã e sua *métis* tem uma natureza diferente, ele é impulsivo e habilidoso na arte de tramar. Existe portanto, uma oposição entre o intelecto e o espírito.

Continuando a castigar os homens e em resposta as tramas sofridas, Zeus incumbe Hefesto de fabricar uma mulher para dar ao irmão de Prometeu, Epimeteu, que significa “o que via depois”, o imprudente – assim é criada Pandora, a primeira mulher e com isso transforma os *ánthropoi* (homem primordial) dividindo-os em *andrés* (homens) e *gynaikes* (mulheres). Portanto, Pandora traz a separação. Ela carrega um jarro contendo todos os males e também, a *Elpis* – a expectativa, pré-ciência, espera, a esperança – e com Pandora se instaura a condição humana. Ela inaugura uma outra era marcada pela separação, onde a sexualidade é a forma de criação que requer dois opostos para dar vida a um terceiro. Paradoxalmente, ao trazer a separação ela traz também a possibilidade de união, de reunião.

No mito de Prometeu, a nova criatura Pandora, foi moldada de uma mistura de terra e água e ganha dois atributos: o primeiro, *audén* (linguagem humana em potência), linguagem essa dos *andrés*, necessária a essa nova condição uma vez que a dos *anthropoi* não era mais suficiente para o entendimento com os deuses; o segundo, a força, o vigor físico do homem. Na sua confecção, esta mulher deveria se assemelhar de rosto às deusas imortais e de corpo à uma bela virgem. Com Pandora é instaurado, então, o processo de imitação, ela é a imitação do que já existe e, ao mesmo tempo, não sendo totalmente nova, ela é a primeira da sua espécie. Ela é um produto da *tecné*, das artes enquanto que o homem primordial, pertence a *physis*, ele é, ao lado dos deuses, o elemento original. Todos aqueles que nascem a partir dela são cópias.

O P–TD forçosamente tem de lidar com essa ruptura ancestral, essa realidade arquetipicamente desenhada neste mito. Somos os herdeiros de Prometeu quando fomos dotados da *metis* e do *nous*; somos também herdeiros de Pandora e da técnica que possibilitou criá-la, fato que carrega um significado de fabricação e cópia. O fenômeno da técnica se instala na nossa história como mecanismo constitutivo e sem volta com a primazia da funcionalidade no total esquecimento do Ser que se transforma numa “coisa”. Para nos lembrarmos quem somos temos que nos voltar para a experiência originária e entender nossa natureza. Como relatado no livro A Escola de Kyoto e o Perigo da Técnica:

Quem sabe disso é Heidegger, por ter visto que o esquecimento da experiência do primeiro começo pode e deve ser rememorado já em vista a apropriação (Er-eignis) do homem pelo desocultamento que se oculta no e pelo outro começo do pensamento do Ser, que está por vir. [19]

Heidegger nos fala a esse respeito [20]:

Será, então, que um desencombrimento concedido de modo mais originário seria capaz de fazer aparecer, pela primeira vez, a força salvadora no meio do perigo que, na idade da técnica, mais encobre que mostra? ... Do mesmo poeta [Holderlin] de quem escutamos a palavra da salvação<sup>3</sup>:

"Ora, onde mora o perigo  
é lá que também cresce  
o que salva"

nos diz ainda:

---

<sup>3</sup> Salvação tem para Heidegger um sentido de conduzir algo para casa, para sua essência afim de trazê-la pela primeira vez para o lugar a que ela pertence.

"...poeticamente  
o homem habita esta terra"[21]

Inspirado no mito de Prometeu percebemos que somos jogados no mundo para conectar futuro, passado, presente: futuro como um vôo em direção ao tornar-se, que é uma transgressão da ordem estabelecida, uma ousadia para inovar; passado como um destino que foi inaugurado há muito tempo e no qual nos encontramos imersos; presente, como uma presença e nossa habilidade de *estar-no-mundo* e *estar-com*. Este horizonte de possibilidades pede para ser desvelado se esperamos que a P-TD seja efetiva.

**O que nos levou a escolher Perceval?** Esta saga se passa no mundo existencial, ôntico, no qual não há unificação do reino mas, na verdade, ela trata da busca de unificação que se dá no nível existenciário, o ontológico e, esta busca é um processo iniciático. Este foi o motivo que nos levou a escolhê-la. Perceval narra a história do jovem que desconhece sua origem e que vai ao encontro de sua possibilidade de tornar-se cavaleiro na corte do rei Arthur e se engaja na lendária busca do Santo Graal. Apoiamo-nos em duas versões deste texto: na francesa de Chrétien de Troyes, *Perceval ou le Roman Du Graal* [22] e alemã de Wolfram von Eschenbach, *Perzival*, ambas escritas no séc. XII. Perceval, cujo nome é em si revelador por se referir ao atravessar o véu, o vale, trata da construção e da destruição do templo, do castelo invisível, da cura do Rei Pescador ferido. A versão de Troyes se inscreve na tradição judaico-cristã da busca do Graal e, a de Eschenbach, na tradição mítica germânica do Graal de Munsalvaesche. Na versão de Troyes, o rei Arthur implora a Merlin, o mago da corte, a unificação de seu reino, que se consumará pela cura do Rei Pescador. Na versão de Eschenbach a unificação pretendida é no reino de Amfortas, o rei ferido, filho de Frimutel, neto Titurel, e tio de Perceval, criativamente celebrada por Wagner na ópera Perceval.

A linha narrativa desta saga é um campo de sucessivas experiências que mapeiam o caminho iniciático, uma longa jornada. Encontrar o Graal é receber a língua universal, é a reapropriação de um nível de realidade muito alto que traz a fragrância do Real. Perceval vive muitas histórias, cada uma delas é parte do todo. Ele não sabe o que está vivendo, ele ignora sua sabedoria. Ele vive um desapego total, vive o presente da vida. Sua experimentação terá a capacidade de fixar algo que está no caminho e culminará pela ligação de seu corpo existencial e espiritual.

Perceval reverencia a Dama, a figura inspiradora: a inspiração. Este seu caminho mostra a necessidade de dinamizar e reverenciar a Beleza, pois a abertura para a dimensão espiritual implica em estar em ressonância e afinação com o Belo.

Inúmeras passagens desta experimentação são carregadas de significado, de sinais e apontam uma destinação. Dentre elas a forte cena onde cabeças são cortadas e rolam. Cortar a cabeça é abrir-se para outra dimensão, é poder estabelecer uma nova ligação com a vida, é o nascimento para a imaginação, intuição, espontaneidade, criatividade. Corta-se a cabeça para perder o sangue humano e abrir-se para o surgimento do sangue real.

Assim, a experimentação de Perceval é um processo energético, iniciático e não moral. Ele encontra suas próprias energias vitais, experimenta o mundo a partir do caminho espiritual. Ele não recusa, nem recua face ao confronto. Se não houver confrontação real, também não há caminho. Perceval, primeiramente escuta, depois ele vê, ele não se protege, ele enfrenta, ele é vigilante. Sua ligação é primeiramente com a realidade, depois com a vida, em seguida com a morte e num contínuo purgar, purificar acontece a experiência do fazer o caminho. A experiência de Perceval é uma passagem, uma abertura para o campo de Luz.

Estaria nesta raiz arquetípica, a grande experimentação do P-TD? Poderíamos compreender a partir dela muito sobre a atitude transdisciplinar no exercício do P-TD?

## 6. O Que Mais Faz o Pragmatismo Ser Transdisciplinar?

Assim como a Transdisciplinaridade, o P–TD é um acontecimento apropriador no sentido heideggeriano daquilo que é originário, que já estava presente, mas ainda não pensado. É a partir deste acontecimento que as coisas passam a ser pensadas e não são remissíveis, pois elas são fundadoras e não podem ser fundadas, elas originam. Este momento é dado, é uma possibilidade que é aberta e cabe a cada um aceitá-la ou não. Este chamado é silencioso, não nos dá nenhuma explicação, nenhuma resposta, é um chamado que ouvimos e, que estando desapropriados da ocupação da cotidianidade, o ouvimos ou não. A dificuldade que se coloca é que tal chamado se nos apresenta como algo estranho, apesar de ter sua origem no mais profundo de nós mesmos, na verdade: é o nosso *si mesmo* que nos chama. Ele nos chama para onde já pertencemos e nos convoca e provoca para um ato criativo. Ser fiel a este chamado é uma escolha. Quem nos chama e nos retira do cotidiano e pede uma escuta é o *si mesmo mais próprio*. E a partir deste chamado que articulamos possibilidades novas e *mais próprias*.

Se compreendemos transdisciplinaridade também como uma epistemologia, como uma vivência da incompletude, como aquilo que está ao mesmo tempo *entre–através–além* das disciplinas, das coisas e das pessoas, como um transatravessar as fronteiras do conhecimento formal e tácito, acadêmico e não acadêmico que visa a emergência do sujeito em sua multidimensionalidade – como ir em direção a um pragmatismo que pudesse dar conta desta complexidade? O que seria um pragmatismo que pudéssemos denominar Transdisciplinar?

Imaginar o que seria um pragmatismo de natureza transdisciplinar a partir de um corpo paradigmático transdisciplinar requer pensar que lógicas, que arte, que referenciais cognitivos e que instrumentos heurísticos poderiam levar o exercício da dimensão *trans* à sua máxima plenitude, sem o qual o sentido deste pragmatismo não emergiria. Contudo, esta conjuntura estrutural não pode ser confundida com uma receita ou com um *check list*, pois ela demanda uma afinação, uma contextualização e um articulação consoante com a realidade que a demandou.

A lógica deste pragmatismo se instala dentro de uma dinâmica fluída, não-binária que tem como próprio de si a contradição e o paradoxo, inferências transdutivas e abduativas, as dinâmicas de potencialização e atualização, com seus estágios intermediários de semi-potencialização e de semi-atualização como preconiza Stéphane Lupasco. Esta teoria também afirma a geração sucessiva de um terceiro termo incluído que se inscreve em um nível de realidade mais alto. Cada terceiro termo incluído é constituído por outras leis e materialidades diferentes daquelas de onde ele se originou. Essa lógica tem como função clarificar nossas ideias e elucidar as consequências das nossas escolhas, forjar e reformular nossas concepções, crenças, hábitos e ações.

A arte deste pragmatismo é um *por-se-em–obra–da–verdade*, isto é, do Ser, e da *contemplação*, no sentido de estar a serviço do conhecimento e da sabedoria pulsante na dimensão *trans* da Transdisciplinaridade. Esta ideia remete ao originário, entendido no sentido que Heidegger deu a este termo: “O originário de algo é a proveniência de sua essência” [23].

Os referenciais cognitivos capazes de nutrir o P–TD têm como morada: a humanização da ciência, a multidimensionalidade da realidade, a imaginação, a Arte como expressão do Ser, a emergência do sujeito, a fenomenologia no seu nível ontológico existencial, o sagrado e o inefável.

Dentre os instrumentos heurísticos deste pragmatismo encontram-se: modelos operativos; pragmatismo processual: vivência – reflexão – experiência; alternância tripolar: razão sensível – experiencial – formal; Arte como contraposição à técnica.

O sentido enquanto destino, direção, orientação, sentimento, significado e viabilidade que promove o P–TD emerge do sentimento de falta, da busca da plenitude. Ele é engendrado de mortes como transformação, da percepção da emancipação pela Beleza e pelo Belo e pela

possibilidade de vir a Ser. P–TD, assim concebido, opera em sistemas de alta complexidade, que precisam superar a si mesmos.

O *Surplus* é, um tipo de dispositivo ou atividade de cunho cultural ou de conhecimento não diretamente relacionado ao sistema configurado que quando introduzido em um dado sistema contribui para sua superação. O *surplus* promove um alargamento do espectro e amplia a margem da escolha. Isso acontece, pois ele deixa à disposição do sistema recursos mais vastos do que os necessários para a sua auto-reprodução, daquilo que ele já tem de singular em si mesmo. Ele oferece uma maior indecidibilidade e, isso possibilita e permite maior autonomia, ao aumentar as possibilidades dessa escolha. Neste sentido, ele aumenta o poder do sistema sobre si mesmo, dando a ele uma maior autonomia. O *surplus* tem como objetivo instigar a curiosidade, estimular a imaginação e o horizonte investigativo da pessoa com relação à dinâmica já instalada. Escreve o autor que *surplus* é:

... cette partie de la matière sociale que le système potencialise pour se reproduire comme système. Le "surplus" social c'est donc aussi cet individu ou ce groupe qui a plus de culture qu'il n'en faut son rôle, une plus value pourtant indispensable à la tenue de ce rôle.[24]

...uma parte da matéria social que o sistema potencializa para se reproduzir como sistema. O "surplus" social é, pois, também este indivíduo ou grupo que tem uma cultura a mais que ele não pertence ao seu papel, um valor *plus* portanto, indispensável à sustentação deste papel.

No que tange o P–TD compreendemos que o conceito do *surplus* pode ir além da dimensão sociológica, que trata da tessitura social, e pode ser aplicado a diferentes níveis de realidade.

O pensamento transdisciplinar articula os quatro paradigmas desde há muito reconhecidos: mitológico, filosófico, teológico e científico [25] que, em certa medida, foram aqui considerados. Contudo, estamos continuamente confrontados com o desafio de articular pensamento e ação a partir de uma visão transdisciplinar. Pensar em P–TD é um gesto nesta direção e uma via possível para responder à inundação de sofrimento, pessoal e coletivo, que cresce continuamente mais e mais e cuja origem permanece velada. Como diz Heidegger:

Quanto mais nos avizinharmos do perigo, com maior clareza começarão a brilhar os caminhos para o que salva, tanto mais questões haveremos de questionar. Pois questionar é a piedade do pensamento. [26]

Continuando, acrescenta ainda o filósofo: “... No pensamento, o que permanece é o caminho, e os caminhos do pensamento guardam consigo o mistério de podermos caminhá-los para frente e para trás, trazem até o mistério de o caminho para trás nos levar para frente”. [27]

## 7. Últimas Considerações

Neste artigo, ao revisitarmos o caminho já percorrido reativamos e reverenciamos em nossas mentes e corações o fio invisível tecido por nossos antecessores e, assim, reconhecemos seu valor para a emergência do novo. Confiamos que avançamos um pouco na reflexão do que constitui um P–TD; confiamos, também, que a própria força desta reflexão inicial abra uma fresta e crie seu próprio movimento, de modo que o *status* desta utopia pragmática seja continuamente aprimorado, revisto e atualizado pelas tantas mentes transdisciplinares que existem e aquelas que venham a existir.

- [1] DOMINGUES, Ivan, 2009. O Continente e a Ilha - duas vias da filosofia contemporânea, São Paulo, Edições Loyola, p. 13.
- [2] Idem, pp. 19.
- [3] DENOYEL, Noël, 1999. Alternance tripolaire et raison expérientielle à la lumière de la sémiotique de Peirce: l'alternance - pour une approche complexe, in Revue Française de Pedagogie, 126, juin-août- septembre, p. 35-42.
- [4] PEIRCE, C. S., 1998. Edited by Peirce Edition Project. The Essencial Peirce - Selected Philosophical Writings, Vol 1. Bloomington, Indiana University Press, p. 124.
- [5] idem, p. 125.
- [6] idem, p. 126.
- [7] PEIRCE, C. S., 1998. Edited by Peirce Edition Project. The Essencial Peirce - Selected Philosophical Writings, Vol 2. Bloomington, Indiana University Press, p. 338.  
idem, Vol. 2: 338.
- [8] PEIRCE, C. S., 1998. Edited by Peirce Edition Project. The Essencial Peirce - Selected Philosophical Writings, Vol 1. Bloomington, Indiana University Press, p. 129.
- [9] Idem, p. 129.
- [10] Idem, p. 131.
- [11] Idem, p. 141
- [12] HEIDEGGER, M, 2010. A Origem da Obra de Arte. Rio de Janeiro, Edições 70, p. 151.
- [13] HEIDEGGER, M, 2012. Ser e Tempo. Tradução e Organização Fausto Castilho. Campinas, Editora da Unicamp, p. 129.
- [14] HEIDEGGER, M, 2010. A Origem da Obra de Arte. Rio de Janeiro, Edições 70, p. 207.
- [15] GARFIELD, Jay L., The Meaning of Life: Perspectives from The World's Great Intellectual Traditions Virginia, The Teaching Company, 2011 - Lectures 13, 14, 15 and 16.
- [16] LAO TSU, 2006. Tao Te King - O livro do sentido e da vida, São Paulo, Editora Pensamento, p. 38.
- [17] HESÍODO, 1996. Coleção Pólen dirigida por Torres Filho, São Paulo, Editora Iluminuras, p. 25-27.
- [18] ÉSQUILO, em Clássicos de Bolso - Tragédias Gregas. Tradução de J. B. Mello e Souza, Ediouro, p. 113)

- [19] LOPARIC, Zeljko, 2009. A Escola de Kyoto e o Perigo da Técnica, São Paulo, DWW Editorial, p. 221.
- [20] HEIDEGGER, M, 2010. Ensaaios e Conferências, Petrópolis, Editora Vozes, p. 36-37.
- [21] HEIDEGGER, M, 2010. Ensaaios e Conferências, Petrópolis, Editora Vozes, p. 37.
- [22] TROYES, Chrétien, 2002. Perceval ou o Romance do Graal, São Paulo, Editora Martins Fontes.
- [23] HEIDEGGER, M, 2010. A Origem da Obra de Arte. Rio de Janeiro, Edições 70, p. 35.
- [24] BAREL, Yves, 2008. Le Paradoxe et le système, Grenoble, Presses Universitaires, p. 163-164.
- [25] SOMMERMAN, Américo, A Interdisciplinaridade e a Transdisciplinaridade como Novas Formas de Conhecimento para a Religação de Saberes no Contexto da Ciência e do Conhecimento em Geral. Dissertação de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2012. <http://www.cetrans.com.br>.
- [26] HEIDEGGER, M, 2010. Ensaaios e Conferências, Petrópolis, Editora Vozes, p. 38.
- [27] HEIDEGGER, M, 2010. A Caminho da Linguagem, Petrópolis, Editora Vozes, p. 81